

« CIDADE VELHA » DE MONTE-CÓRDOVA

Estas ruínas, a que alude O Archeologo Português (I, 12-13), são as mesmas de que fala Argote (*Memorias*, II, 465-67), servindo-se das informações de uma testemunha ocular, que viu mais do que eu podia ver, quando há quinze anos as visitei. Não acho por isso nada melhor do que reproduzir a descrição do Contador, fazendo-lhe algumas observações que julgo necessárias, e acrescentando algumas poucas noticias, que recolhi de outras fontes.

« 766. Nos limites das freguesias de S. Perofins, e de S. João de Eirós, meya legoa dos rios Ave, e Vizella, para a parte do Meyo dia, está hum monte bastantemente levantado, a que aquelles povos chamáo de S. Romáo, por causa de huma Capella deste glorioso Santo, que alli esteve, de que se vem ainda ruínas. Corre este monte de Norte a Sul, e se levanta em forma, que se descobre delle muito Paiz. No mais alto faz uma planicie, que declina para a parte do Norte, aonde esteve situada uma antiquissima Cidade, a que chamam actualmente Cidade velha. Era cercada de hum bom muro, que terá meyo quarto de legoa em roda, e tinha de largo sete palmos, e existe ainda hoje em altura de hum covado; dentro se divisão as ruínas das casas, que erão pequenas, e se divisão outrosim as ruas, que erão estreitas, e ladrilhadas. Ao meyo da mesma Povoação se levantava em mais altura hum cabeço de monte, que está cercado de outro segundo muro da mesma grossura, que o primeiro, e neste cabeço se divisão algumas casas mayores, e alguns Castellos de esquadria em forma orbicular. »

Aqui só há a notar os «Castelos de forma orbicular». São sem dúvida casas redondas, como as de Sabroso, Citânia, etc.; também como na Citânia estão elas a par de casas quadradas, conforme pude verificar sem custo numa pequena exploração, feita por Manuel Marinho, da Casa de Roriz, em que ficou bem a descoberto uma rua com as respectivas construções. Ladrilho da rua, forma e aparelho das casas, é tudo exactamente o mesmo que nas estações nomeadas.

767. Por fora do limite da Cidade se vem algumas trincheiras, assim para a parte do Norte, como do Sul, em distancia de dous tiros de pedra. Em

um valle alli perto se **descobrio** huma grande cova, que estava tapada com uma grande pedra redonda, a qual tem no alto um orificio quadrado, e na parte inferior tinha outro, guarnecido com hum cordão. A cova é fechada de abobeda, e feita de boa esquadria, e continua para dentro sem se **lhe** descobrir fim. Na mesma parte se ve hum grande lagedo, e no meyo d'elle um grande buraco redondo, por onde cabe huma bola de jogo, e desce com tanta profundidade, que nem pela estimativa se **lhe** percebe o fundo. »

Pela indicação do « **grande** lagedo com um grande buraco redondor, de profundidade insondável, vejo que o « **vale** », onde se encontravam estas curiosidades, estava muito próximo das muralhas. O grande lagedo com o seu buraco ainda existe, mas não por vontade dos ciprianistas. E ali que êles farçjaram os melhores tesouros aferrolhados pelos Mouros, e, como os exorcismos têm sido pouco eficazes para os desencantar, já recorreram a pólvora, sem grandes resultados por enquanto. **O** penedo é rijo. Não por baixo mas por cima dêle esteve uma verdadeira preciosidade, se é certo, como me asseveram, ter assentado ali a estátua, de que fala outro informador de Argote « a **estatua** de pedra de huma mulher com huma **roca** na cinta, que ha pouco tempo se quebrou, por se entender ser figura d'algum Idolo, como na realidade devia **ser** ». A estátua andou depois aos tombos pelo monte, até que um proprietário das **imediações** a levou para casa. Fiquei um pouco surpreendido, quando, mandando-lha pedir por um amigo seu, soube que, para a descobrir, era necessário desmoronar uma parede. Tinha sido atirada para os alicerces de um sucenco. Consegui que o sucenco **fôsse** dermoronado num ponto, onde um pedreiro, colaborador da obra, indicava o esconderijo do ídolo. Nada porém appareceu, nem aí, nem noutra demolição mais extensa efectuada pelo proprietário, desejoso de servir o seu amigo. E assim vai tudo.

Da « cova fechada abobadada e tapada pela grande pedra redonda » ninguém me soube dar notícias. E de crer que exista; mas, para a procurar, era preciso gastar paciência e dinheiro — duas **cousas** que é raro ver juntas ao serviço da arqueologia.

Continua Argote :

« **768**. Para a parte do Nascente das **ruínas** da Povoação sobredita, a tres para quatro tiros de espingarda de distancia, está um penedo redondo, e **nelle** para a parte do Nascente gravada esta inscrição:

COS . NE Æ

P. S.

Para a parte do Poente tem outra inscrição, que principia:

FIDV.....HIC

As mais letras **não** se tirarão pela brevidade com que se examinou. r

As gravuras que O **Archeologo** dá das duas inscrições **são** tiradas de uma

fotografia e por isso devem merecer inteira confiança. Não compreendo a inscrição que volta para nascente. A segunda linha é mesmo ilegível por falta de letras. Na do poente a única dificuldade está, me parece, na leitura do primeiro nome Niminid, ou Nimid? Mas qualquer que seja a forma da palavra, não pode duvidar-se, creio eu, que ela é a mesma que, por exemplo, o *nemed = sacellum* da glosa irlandesa; e, sendo assim, ficamos sabendo que umas divindades, chamadas Fiduenas tinham aqui o seu santuário. Esperemos que os

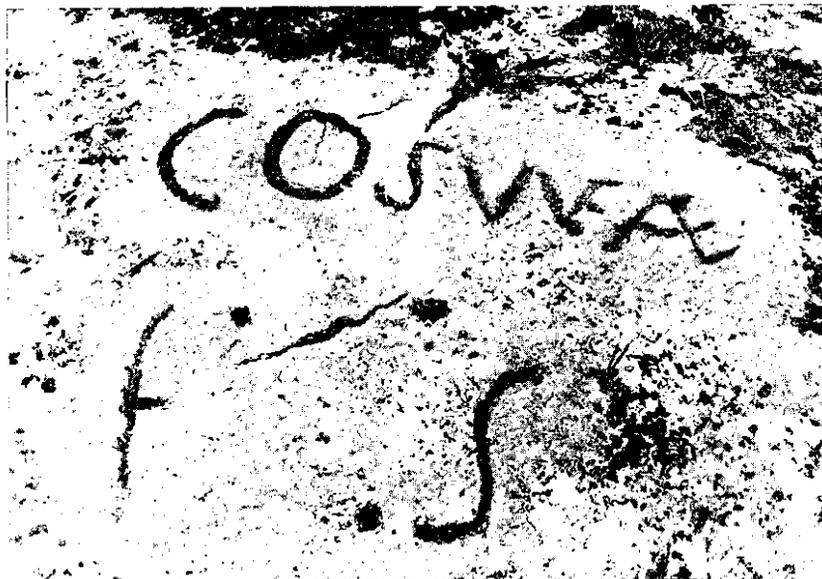


Fig. 1

lingüistas nos dêem alguma luz sobre as funções destas entidades, porque de outro modo é de crer que fiquemos sempre às escuras. Procurei debalde pelas imediações vestígios de qualquer construção, sem me admirar muito de os não encontrar, talvez pela preocupação de que o templo das misteriosas deidades devia ser um verdadeiro sacrum *sylvarum*. Hoje não se vê por ali senão tojo e alguns pinheiros. O terreno, uma bouça, a bouça do Lagido, é um pouco pantanoso, não sei se em consequência das infiltrações da mesma veia de água, que rebenta, a uns duzentos metros de distância, na bouça da Chousa. O borbotão de água é notável pelo nome e nada mais: chama-se Fonte dos Mouros. No penedo das inscrições estão insculpidas duas cruzes. Não me parece que sejam marcas divisórias; também não tenho razão alguma para afirmar que fôssem ali gravadas para purificar o monumento de qualquer mácula pagá.

*

Arnaldo Gama fala de «não poucos poços, faceados de rijísimos tijolos a. Ninguém me deu noticia deles, o que não quer dizer que ainda não existam. Se eram sepulturas forradas de telha, como suponho, é de crer que não ficassem

dentro da povoação **pròpriamente** dita, e a **êste propósito** devo dizer que me causou alguma estranheza **não** encontrar nela fragmento algum de telha com **rebôrdo**. Não quere isto dizer que outro a **não** encontre, mas **já** a sua raridade é digna de nota numa estação em que a influência romana foi indiscutível.

Além do achado de moedas romanas, que estiveram em poder do falecido médico Coelho, de S. Fins, dá-se por certo o de um capacete de ferro, de que foi **possuidor** um cavalheiro portuense, também **já** falecido. As moedas **não**

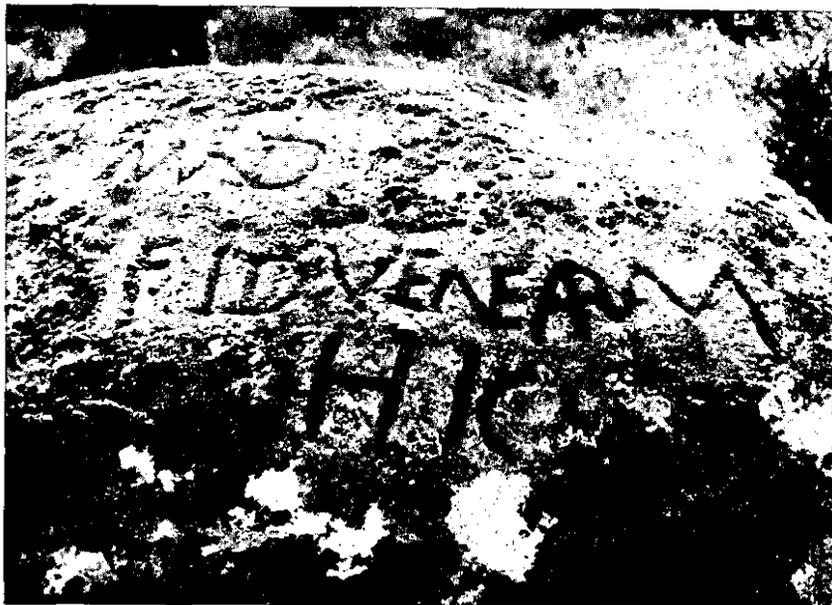


Fig. 2

sei onde param actualmente; o capacete deve considerar-se perdido; eu, pelo menos, perdi todo o trabalho de o descortinar. É possível que tivesse aparecido em alguns dos «**poços**» mencionados por Arnaldo Gama.

Encravado na muralha de **circunvalação** há um penedo, chamado pelo povo **Penedo da Lua**. Afirmaram-me que a denominação **lhe** vem de um sinal gravado, que é a figura da meia-lua. O sinal está extremamente safado; poucas semelhanças tem com a meia-lua, e para mim é mesmo duvidoso se foi traçado pela **mão** do homem. Desconfio em suma que a verdadeira **história** do nome está tão safada como o sinal.

Já fora das muralhas e em diferentes direcções há outros penedos que têm sua celebridade. Tais são os **Penedos rajados**, o **Penedo do sino** e o **Picôto do pai**. Num dos **Penedos rajados** assenta um lascão de perto de quatro metros em qualquer dos seus diâmetros e a que facilmente se imprime um movimento de balouço. No mesmo caso está o **Penedo do sino**, que não fica a larga distância dêle. Penedo e lasca são aqui de menores dimensões, mas o rapazio prefere-o, porque o primeiro oscila silenciosamente e **êste** dá um som qualquer, quando a extremidade da lasca toca no penedo em que se equilibra. Daqui o

nome do grupo — *Penedo do sino*. A nenhuma destas pedras oscilantes se ligam **tradições** mouriscas, e com outras de muito maior imponência que tenho visto acontece o mesmo, o que não deixa de ter sua importância. O *Picôto do pai* fica para poente e a maior distância das ruínas. Nada tem de singular, a não ser a lenda que se **lhe** associa, **não** sei se com boas bulas. A lenda em si é popular em muitas partes. Reza ela que nos tempos antigos, quando os velhos ultrapassavam uma certa idade, os filhos punham-nos num carro e levavam-nos



Fig. 3 (Detalhe da fig. 2)

a um monte deserto, deixando-lhes uma manta e uma broa de pão. O *Picôto do pai* seria o sitio escolhido pela gente desta região para o **abandono** dos miserandos **macróbios**. Sabe-se como acabou a péssima costumeira. Uma vez um dos velhos aconselhou o filho a que **lhe** deixasse só metade 'da manta e levasse a outra metade, para quando chegasse o seu turno. Preguntou-lhe o moço, muito admirado, se também havia de vir morrer no monte: « Pois então? até aqui trouxe eu meu pai; tu trouxeste-me a mim, e teu filho hbde-te trazer a ti. » O filho apressou-se a repor o velho no carro; voltou com **ele** para casa, e o seu exemplo começou a ser geralmente seguido.

Guimarães, Março de 1895.

(N-*O Archeologo Português*, Lisboa, 1895 — vol. 1, n.º 6, pág. 145).